

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Janice Gallert ¹
Maria Alzira Leite ²

RESUMO

O presente estudo foi elaborado com o intuito de participar do Grupo de Trabalho 08 (oito) de Linguagens, Letramentos e Alfabetização do IX CONEDU do ano de 2023. O mesmo tem a pretensão de compreender, refletir e analisar as bases teórico-metodológicas que subsidiam o processo de alfabetização no decorrer da alfabetização, estabelecendo relações com o contexto histórico e a ação docente. Ao adentrar no estudo discute-se o panorama histórico da alfabetização no Brasil, relacionando-a com: a) Diferentes abordagens teórico-filosóficas; b) Documentos curriculares; c) Métodos de ensino e suas inserções na sala de aula. 2) Alfabetização e Letramento em diálogo com a atual proposta curricular BNCC. Assim, apresenta-se uma pesquisa de abordagem qualitativa e os excertos analisados fundamentam teoricamente os escritos por meio de uma pesquisa bibliográfica fundamentada. Assim, os referenciais teóricos servem de fundamentação para o estudo e são usados na análise dos resultados apresentados posteriormente no texto e sem desconsiderar os clássicos da área de Alfabetização o trabalho também considera as publicações recentes como: de periódicos especializados/conceituados, de livros, de dissertações, teses ou ainda de trabalhos apresentados em eventos da área citada. No entanto, a questão principal da pesquisa que é motivadora do estudo tem a pretensão de investigar: Como o processo epistemológico da Alfabetização, seus contextos históricos e a ação docente se relacionam?

Palavras-chave: Práticas de Linguagem, Alfabetização, Letramento, Métodos, Base Nacional Comum Curricular.

INTRODUÇÃO

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

O presente texto tem como objeto de estudo a alfabetização e nele buscou-se ao aprofundar o tema, encontrar alternativas plausíveis a serem atingidas e operacionalizadas, no campo da aquisição de linguagens e ampliação de letramentos no contexto escolar para crianças. E ainda, apresentar conteúdos, experimentos e achados escolares e não-escolares no solo da Alfabetização.

¹ Janice Gallert Doutoranda do Curso de Educação Universidade Tuiuti - UF, janicegallert10@gmail.com. Este estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) código de Financiamento 001.

² Professora Orientadora: **Maria Alzira Leite: Doutora em Letras: Linguística e Língua Portuguesa.**

Assim, propõe-se como objetivo central: refletir sobre as bases teórico-metodológicas que subsidiam o processo de alfabetização, estabelecendo relações com o contexto histórico e a ação docente. Como entender as demandas de ensino e de aprendizagem dessa história da Alfabetização do tempo presente? O que se aprende e o modo como se aprende na escola, interessa a quem, atende a quais sujeitos ou demandas, em tempos de rupturas e continuidades como se (re)organizaram os currículos e se materializaram as práticas e saberes escolares? Por que ensinamos a ler e escrever? O que ensinamos quando ensinamos a ler e a escrever? Como ensinamos a ler e a escrever? Que questões éticas, profissionais e estéticas se fizeram presentes na práxis educativa em contextos de sala de aula? Estas são as possíveis questões problematizadas no estudo.

Cabe destacar, que se optou por esse objeto de estudo devido ao índice de analfabetismo no Brasil ainda é um dado tanto preocupante quanto estrutural, por isso, aprofundar análises e pesquisas sobre o tema é inadiável. Observar as perspectivas históricas pensadas para Alfabetização em contexto de Multiletramentos, a fim de dedicar-lhes uma compreensão crítica e propor intervenções epistemológicas e pedagógicas, é uma tarefa para a história deste tempo.

Nesse viés, o estudo se norteia no primeiro momento em apresentar fontes históricas da alfabetização e na sequência as questões metodológicas por meio de produção escrita e de outros gêneros acadêmicos como: esquemas, mapas conceituais imagens, figuras, tabelas e quadros. Essa opção se deu por considerar a importância e a necessidade de um estudo mais teorizado da temática com o intuito de facilitar a compreensão do leitor.

METODOLOGIA

Metodologicamente a pesquisa se estrutura em uma abordagem qualitativa e os excertos analisados fundamentam teoricamente os escritos por meio de uma pesquisa bibliográfica fundamentada na Teoria Histórico-Cultural e na Concepção interativa e dialógica da linguagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um pouco da história da Alfabetização

Na Europa: com a Revolução Francesa (1789-1799), a alfabetização passou a se constituir disciplina escolar formal, efetiva da no âmbito da escola, acompanhando o calendário escolar e fazendo surgir vários métodos de alfabetização, cartilhas e materiais didáticos específicos.

No Brasil: a partir do final do século XIX, especialmente com a Proclamação da República (1889), “[...]pauta do pela necessidade de instauração de uma nova ordem político e social; [...] a escola assumiu importante papel com o instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, como principal propulsor do ‘esclarecimento das massas iletradas’” (MORTATTI,2006).

A leitura e a escrita, aprendizagens que se encontravam restritas a poucos e que eram transmitidas de forma assistemática “no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas escolas do Império (aulas régias), tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados (MORTATTI,2006, p.2-3).

2.2 O que compreendemos por alfabetização? O que é método?

Para responde a essas questões dos enunciados elaborou-se a princípio 3 (três) itens que se considerou como essenciais: 1) Caminho para chegar a um fim (lugar); 2) Modo ordenado de fazer as coisas; 3) Conjunto de procedimentos técnicos e científicos.

Na sequência produziu um esquema para clarificar para o leitor o que queremos dizer.

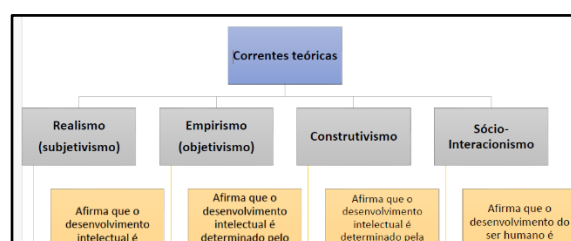
Esquema 01



Esquema: 01

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A primeira etapa do estudo consistiu na busca individual de cada conceito de alfabetização retratado anteriormente pelo esquema 01. Esses achados estão sistematizados em ordem cronológica para apresentar o Quadro 1, a seguir que aborda as correntes teóricas que perpassaram a alfabetização:

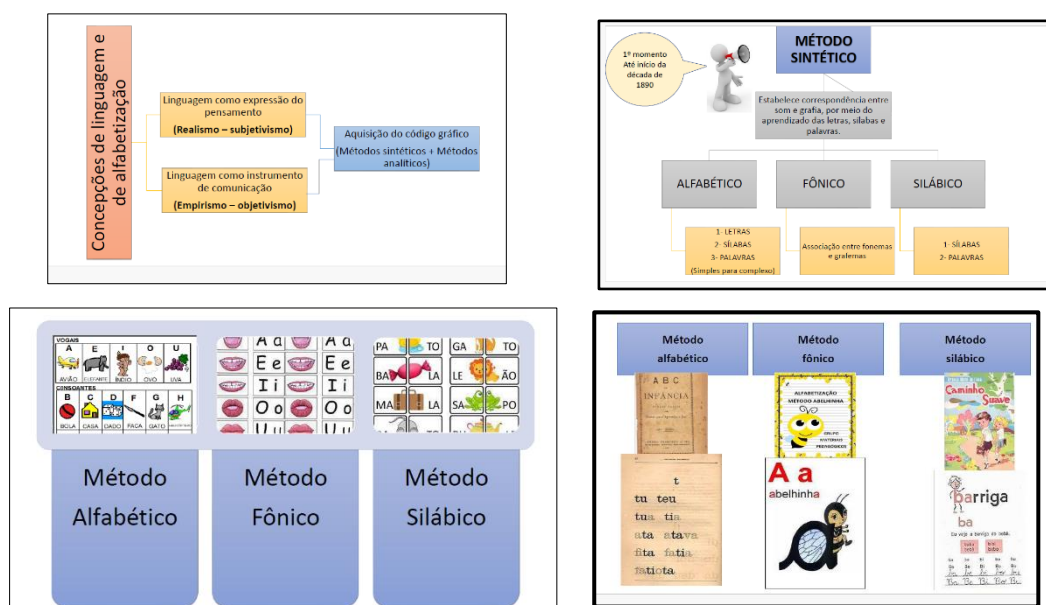


Quadro: 01

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3 Abordagem Tradicional

A Abordagem Tradicional da alfabetização consiste na junção de sílabas, repetição e memorização de sons e nessa organização o professor é a figura central neste processo. Agora por meio do mapa conceitual 01, 02 e 03 pode-se perceber como as concepções de linguagem e os métodos adotados se organizam nesse período histórico.



Mapa Conceitual: 01, 02, 03 e 04.

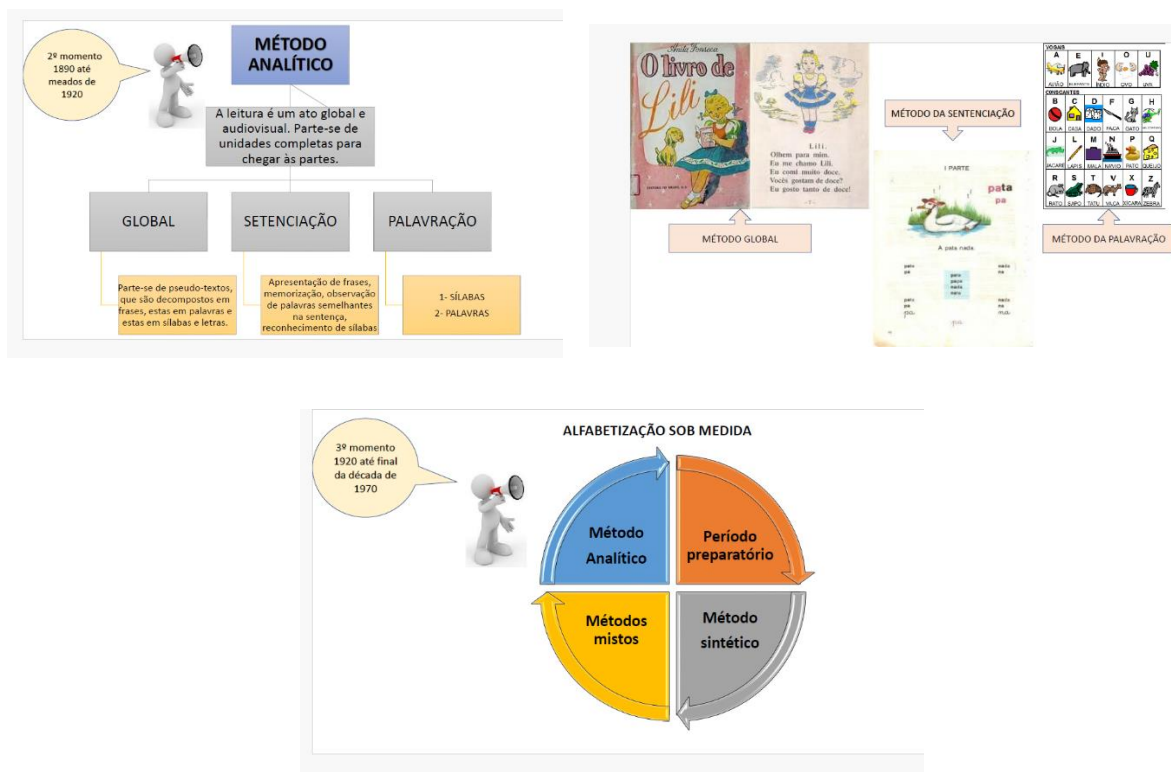
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Portanto, como se pode perceber através dos mapas as aulas costumam seguir o modelo expositivo, onde o professor expõe o conteúdo para todos os alunos de um mesmo modo, com aulas teóricas e exercícios para reforçar a memorização do conteúdo. Assim, o papel do aluno é receber o conteúdo de forma passiva, armazenando o que é passado e desenvolvendo suas habilidades e conhecimentos a partir disso.

Para tanto, pode-se pensar que as principais características da alfabetização tradicional ocorre na sala de aula que tem sua estrutura baseada na idade dos alunos, na disposição das mesas e cadeiras seguem o modelo de fileira, onde normalmente o aluno senta sozinho, em geral, os alunos aprendem e praticam o conhecimento individualmente, há uma

metodologia padronizada, os materiais são prontos, comumente em forma de apostilas e a avaliação parte do pressuposto de validar a aprendizagem do aluno.

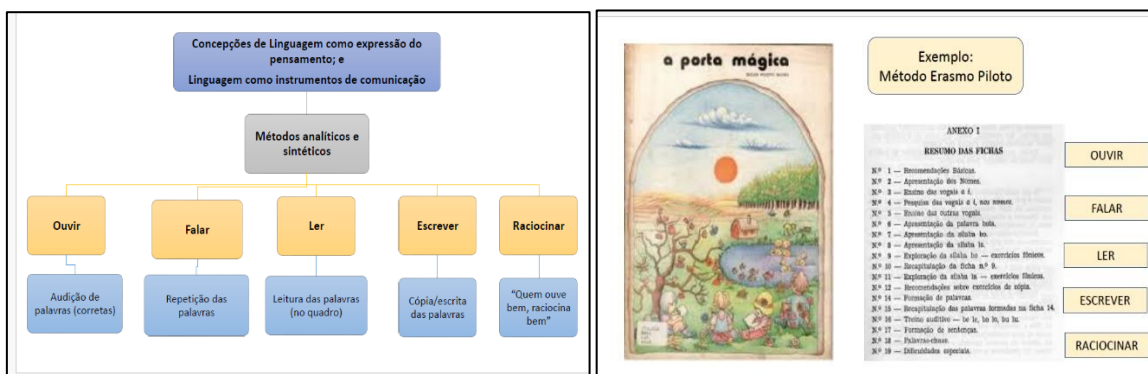
Já os métodos analíticos necessitam que a criança percebe primeiro o contexto, para depois buscar entender palavras, sílabas e sons. Ou seja, nestes métodos, a criança precisa compreender os significados no contexto em que está inserida e pode-se contempla-los pelos mapas conceituais 05, 06 e 07.



Mapa Conceitual: 05, 06 e 07.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para compreender os dois métodos pode-se dizer que os métodos Sintéticos partem do elemento mais simples da linguagem escrita, a letra. Eles podem ser grafemáticos ou fonéticos. Já os métodos analíticos partem de frases ou textos, ou seja, de unidades de significado que se subdividem em seus componentes mais simples, as letras. Essas definições podem ser compreendidas por meio do mapa conceitual 08 e 09.



Mapa Conceitual: 08 e 09.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Pode-se considerar que os métodos analítico-sintéticos partem da palavra, que fica a meio caminho entre a frase e a letra.

2.4 Documento Pedagógico Orientador

Para começar a apresentar e analisar os Documentos Pedagógicos Orientadores buscou-se alguns teóricos para teorizar a discussão. Segundo Costa-Hübes (2008, p.89), era o *Currículo*, organizado pelo Departamento de Ensino de 1º grau da Secretaria de Estado da Educação–SEED. Tratava-se de 4 volumes para as escolas da rede urbana, com classes seriadas, e outros 4 para as salas multisseriadas da zona rural. O PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação; Departamento de Ensino de 1º grau. **Currículo**: Elementos para o planejamento curricular na primeira série do ensino de 1º grau. Ano3, nº24, 1977ª.

A imagem 01 a seguir e os Mapas Conceituais: 09 e 10 Demonstram uma nova concepção de alfabetização fundamentada em uma abordagem construtivistas.

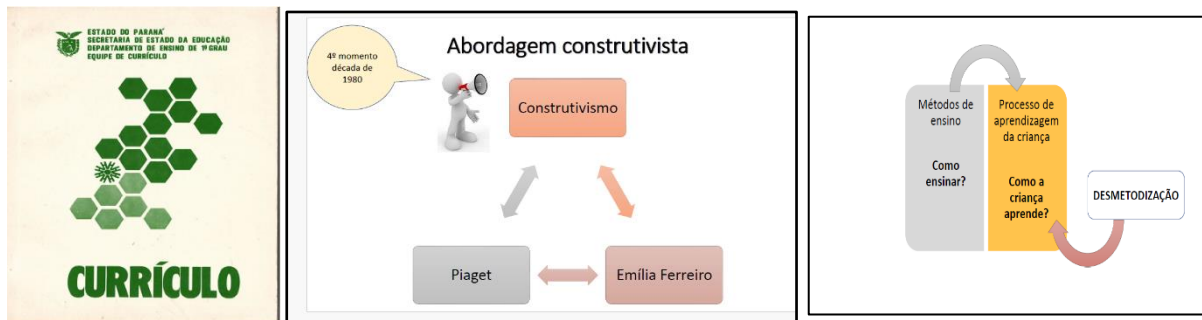


Imagem 01

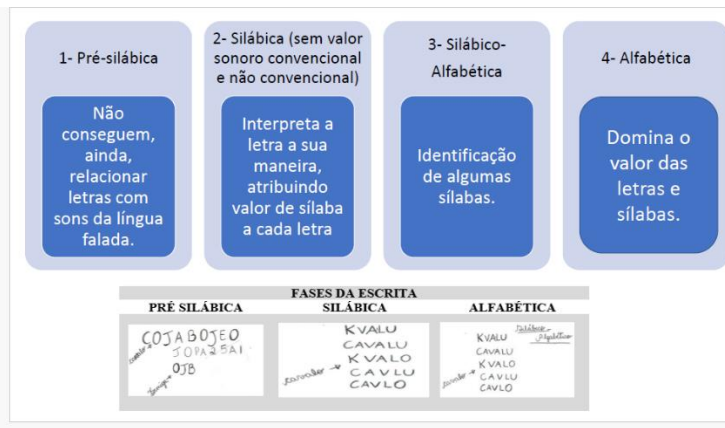
Mapa Conceitual: 10 e 11.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Contrapondo-se ao subjetivismo (Realismo) e ao objetivismo (Empirismo), **Piaget** afirma: “O conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas”(PIAGET, 1976 apud Freitas 2000, p.64).

Para Piaget, o processo evolutivo da filogenia humana tem uma origem biológica que é ativada pela ação e interação do organismo como meio ambiente-físico e social que o rodeia (Coll, 1992; La Taille, 1992, 2003; Freitas, 2000; etc.), significando entender com isso que as formas primitivas da mente, biologicamente constituídas, são reorganizadas pela psique

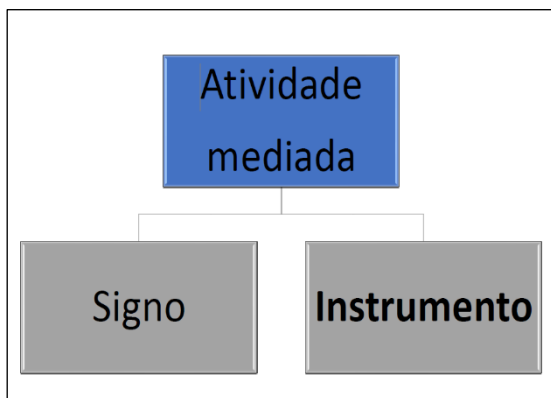
socializada, ou seja, existe uma relação de interdependência entre os sujeitos conhecedor e o objeto a conhecer. Para exemplificar apresenta-se o Mapa Conceitual 12.



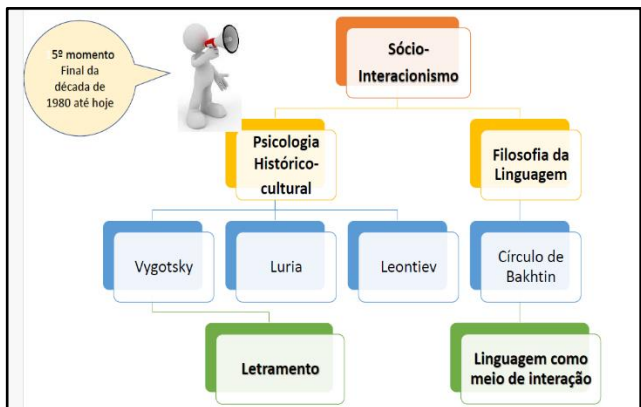
Mapa Conceitual: 12.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na sequência do estudo aborda-se Psicologia Histórico-cultural (PHC) o ser humano como construção histórica e social da humanidade. O mundo psíquico de um sujeito está diretamente ligado ao meio e tempo em que vive e às formas devida presentes nesse meio e tempo particulares. Dessa forma, o mundo psíquico não é natural, mas sócio-historicamente construído em relação ao mundo material, por isso não é um conceito solidificado, mas mutável de acordo com as necessidades das sociedades. E para exemplificar a Psicologia Histórico-Cultural trouxemos o Mapa Conceitual 13 e 14.



Mapa Conceitual: 13 e 14.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para se estabelecer um contraponto no estudo recorre-se em Vygotsky e Bakhtin para suporte Teórico. Assim, segundo Vygotsky quando nascemos, vamos nos humanizando à medida que vamos nos apropriando das capacidades já conquistadas das porque manuseamos objetos sócio-historicamente criados e incorporamos tais capacidades como nossas. E a mudança individual tem sua **raiz nas condições sociais devida**. Assim, não é a consciência do homem que determina suas formas de vida, mas é a vida que determina a consciência. Já Para Bakhtin “O centro organizador e formador não se encontra dentro, e sim **no exterior**”. “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (2004[1929], p.112).

A alfabetização, nessa concepção, é compreendida na perspectiva do letramento. Isso significa que ela precisa das práticas sociais de uso da linguagem nos diferentes campos da atividade humana. Essas práticas se materializam por meio dos mais diversos gêneros do discurso que circulam na sociedade. Isso significa que não basta ao sujeito apropriar-se do código; é preciso que ele seja capaz de interagir socialmente por meio desse código: lendo e produzindo textos de gêneros diversos, compreendendo a sua função social. Logo, o gênero discursivo é o ponto de partida no processo de alfabetização. É por meio dele que se deve abordar, posteriormente, as unidades menores da língua-fonemas, letras, sílabas, palavras que devem ser trabalhadas durante todo o processo de aquisição da leitura e da escrita, pois sem o trabalho minucioso com as unidades menores, não há apropriação do sistema da escrita. (AMOP, 2020, p.150). A alfabetização, nessa concepção, é compreendida na perspectiva do letramento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões e análises originadas a partir dos resultados do estudo evidenciaram que a alfabetização se fundamenta por meio de vários Métodos e abordagens historicamente contruídos para atender os anseios da sociedade ou de uma minoria da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se considerar alguns pontos na pesquisa que por meio do estudo compreendeu-se serem essências para a alfabetização. Tais pontos são: 1) Definição de uma Prática Social / Evento de letramento; 2) Seleção de um gênero discursivo para atender àquela

necessidade de interação; 3) Escolha do(s) texto(s) do gênero para serem explorados com os alunos; 4) Leitura do texto com/para aluno; 5) Estudo da dimensão social do gênero (texto) selecionado; 6) Estudo da sua dimensão verbo-visual: -leitura (silenciosa, oral, individual, em grupo) Atividades de decodificação, compreensão e interpretação e Prática de análise linguística: **sistematização da escrita.**

Nessa esteira, pode-se observar as contingências das relações sociais que recaem rotineiramente sobre os documentos orientadores. Sendo ainda importante considerar que, os professores desafiam-se entre motivar-se em busca de melhores práticas pedagógicas que atendam às necessidades dos alunos em suas individualidades, tentando manter o olhar atento e singular para o humano.

REFERÊNCIAS

AMOP, Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Proposta Pedagógica Curricular. Ensino Fundamental (Anos Iniciais). Rede Pública Municipal -Região da AMOP.** Cascavel-PR: Ed. do autor, 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF,1998.

BAKHTIN, Mikhail. (1929). O discurso em Dostoiévski. In: _____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 207-211.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. (1929). **Marxismo e Filosofia da linguagem.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BOCK, A. M., FURTADO, O. TEIXEIRA, M. De L.T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2000.

COSTA-HÜBES, T. C. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná.** Um resgate histórico-reflexivo da formação em Língua Portuguesa. 2008. 382f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) –Universidade Estadual de Londrina.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** Tradução de: Maria da PenaVillalobos.11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.